

# sustentabilidade ao produtor

PECUÁRIA E COMO SOLOS POBRES PODEM VIRAR AMBIENTE DE LUCRATIVIDADE CERTA

DIVULGAÇÃO/DALIZIA AGUIAR



**INFORMAÇÃO.** Uma das várias palestras para produtores e técnicos presentes no Showtec abordou o principal tema do evento: integração de atividades

mar um “círculo virtuoso, não vicioso”, alerta Manuel Macedo. “A lógica no tempo para quem adota ILP ou ILPF se altera”, completa.

O especialista em solos esclarece o raciocínio, explicando que na integração lavoura-pecuária a amostragem de solo para cada cultura e sistema de manejo deve ser seguida, criteriosamente, para se planejar uma recomendação segura. Além disso, os resultados dos boletins de análise devem se adequar às condições locais; o manejo da fertilidade precisa observar o sistema como um todo, não uma cultura exclusiva; os níveis críticos dos nutrientes devem considerar as

peculiaridades, sem subestimá-las; e, principalmente, adequar o solo para a cultura inicial, porém, com foco na mais exigente. Mais que recomendações, são deveres.

Solo é fator de decisão, mas não o único. Itens agrônômicos, econômicos, ambientais e práticas culturais, entre elas, o manejo da pastagem também são fundamentais para Macedo. O pesquisador Ademir Zimmer acrescenta que o manejo nos sistemas de integração é idêntico ao

de sistemas tradicionais, mas alguns cuidados extras são imprescindíveis. O primeiro é a escolha da forrageira, “focando nos objetivos da produção, com manejo adequado de forma a atender a produção e proporcionar boa palhada para os cultivos em sucessão”. Zimmer ensina que, logo

após a colheita da cultura, efetua-se um pastejo rápido para estimular o perfilhamento basal. Em áreas com plantio direto de culturas sobre o pasto, inicia-se um pastejo mais intenso alguns meses antes, para uniformizar o relvado. E ainda algumas semanas antes da dessecação, é necessário deixar a área em repouso para o acúmulo de massa e favorecer a dessecação para o plantio das culturas. Sem esquecer da adubação de manutenção.

**OUTROS COMPONENTES**  
É fato que animais e plantas sofrem fortes influências do

clima e também é sabido que os sistemas integrados alteram o microclima, porém, isso é bom ou não? Para o agrometeorologista da empresa, Danilton Flumignan, os primeiros sinais de experimentos em andamento no Estado respondem que sim, com devidas recomendações.

Ele relata que a adoção do plantio direto minimizou as perdas por evaporação de água; a inserção do componente florestal melhorou o microclima e favoreceu os animais e o pasto; o uso de quebra-ventos, corretamente direcionados, reduziu as perdas por evapotranspiração; e o plantio de espécies e cultivares mais tolerantes a temperaturas altas e déficit hídrico garantiram índices satisfatórios de produtividade.

Mais além, “apesar do uso de sistemas integrados serem recentes, a pesquisa científica tem demonstrado que são melhores que os sistemas simples, como só lavoura ou só pecuária para produção diante dos efeitos adversos do clima”, complementa Michely Tomazi, PhD em solo.

Durante o painel, a pesquisadora, assim como os demais profissionais presentes, baseada em resultados recentes, ressaltou que os produtos obtidos em sistemas integrados têm um porcentual de emissão bem menor do que os obtidos em sistemas não integrados e, “quando incluímos árvores para produção de madeira, por exemplo, o balanço geral do sistema é positivo para o sequestro de carbono. Fica mais carbono retido do que é emitido para atmosfera. Nesse balanço, até o famoso metano emitido pelos animais nos pastos é compensado pelo gás carbônico capturado pelas árvores”.

**TODOS**

os caminhos para o sucesso na agropecuária, com sustentabilidade, passam pelos sistemas integrados de produção